

Agora, Mantega admite frear gasto

Carlos Moura/CB/D.A Press - 3/2/10



Para o ministro da Fazenda, Guido Mantega, pode-se cortar gastos dos ministérios. Mas PAC será preservado

A despeito de contestar as projeções do mercado financeiro, apontando para um supercrescimento do país neste ano, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmou que o governo está pronto para conter o ritmo da atividade, ao retirar mais estímulos da economia, inclusive com a redução do consumo do setor público. Segundo ele, não há nada que justifique um aquecimento acima do esperado. “A economia já voltou a crescer nos níveis pré-crise. Alguns dizem que há superaquecimento. Não sei se há. Mas, com certeza, a economia está aquecida”, afirmou ele, durante o seminário *Brazil Infrastructure Summit*, realizado no Rio de Janeiro.

Mantega lembrou que foi justamente a preocupação com o equilíbrio do crescimento que levou o Banco Central a aumentar taxa básica de juros em 0,75 ponto percentual (de 8,75% para 9,50% ao ano), bem acima do que fizeram vários países. “Então, já há uma desativação dos estímulos (dados pelo governo) e continuaremos reduzindo-os, se necessário, inclusive para diminuir a demanda do setor público para que tenhamos um crescimento equilibrado neste ano e nos seguintes”, ressaltou.

Ao detalhar como seria a ajuda do governo para reduzir o consumo, o ministro assinalou que é possível cortar programas de

custeio dos ministérios. “Estamos estudando a possibilidade de reduzir o consumo do governo, mas temos que olhar com cautela. Se for confirmado um crescimento bem mais forte do que esperamos, acima de 6%, podemos reduzir os gastos correntes de ministérios”, frisou. Ele fez questão de ressaltar, porém, que o possível arrocho nas despesas não atingirá o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC),

principal vitrine da candidata petista à Presidência da República, Dilma Rousseff. “Vamos manter todo o programa de investimentos do PAC, senão criamos gargalos. Os programas sociais também serão mantidos”, emendou.

Nas contas de Mantega, a demanda doméstica vem mostrando crescimento entre 8% e 8,5% e a redução desse ritmo, se necessário, ocorrerá por meio do setor público e não do privado. Ele

destacou ainda que a boa notícia é o fato de os investimentos produtivos terem retornado aos níveis de antes do estouro da bolha imobiliária americana, em setembro de 2008, avançando de 18% a 20% neste ano, o que levará a taxa de investimento (formação bruta de capital fixo) para 18,5% do Produto Interno Bruto (PIB) contra os 16,7% em 2009. “Não há nenhuma probabilidade de formação de bolhas no Brasil”, enfatizou.